

ENTRE CÉUS E POESIA

Emanuel Angelo Nascimento



ENTRE CÉUS E POESIA

ENTRE CÉUS E POESIA

Emanuel Angelo Nascimento



Entre Céus e Poesia

Emanuel Angelo Nascimento

Copyright © 2014

Editora Clube de Autores

Foto de Capa

© Lou Renteria | direitos autorais reservados

Site do Autor

www.recantodasletras.com.br/autores/emanuellangelo

Projeto Gráfico e Diagramação

Emanuel Angelo Nascimento

Todos os direitos desta obra reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nascimento, Emanuel Angelo

Entre Céus e Poesia – Emanuel Angelo

Nascimento. 1. ed. São Paulo: Clube de Autores, 2014.

ISBN: 978-85-917253-0-4

1. Poesia brasileira I. Título

14-04292

CDD-869.91

*Dedico esta obra
aos meus pais, Ana Lúcia e Ivan,
à minha família e
a você, caro amigo(a) leitor(a)*

*Agradeço a Deus, sobretudo, pelo dom
da vida e a todos aqueles que
direta ou indiretamente contribuíram
para a realização desta obra*

SUMÁRIO

Apresentação

PRIMEIRO VOO POÉTICO: *Descoberta da Poesia*

1. QUANDO TE ENCONTREI 15
2. DESCOMPASSO 16
3. TERCEIRO ELEMENTO 17
4. SEDE SOLÚVEL, DESEJO SOLUCIONÁVEL 19
5. ANTÔNIMOS 20
6. NAUFRÁGIO 21
7. ATENÇÃO (Achtung, Baby!) 22
8. PRIMEIROS SINAIS 23
9. EM SEGUNDOS... 24
10. FASE ADULTA 25
11. RUPTURA 26
12. INTROSPECTO VIL 27
13. DESCIDA AO PARAÍSO 28
14. DESCANSO CELESTE 29
15. DESCANSO NA FAZENDA 30
16. TEMPOS PASSADOS 31
17. O PARQUE 32
18. OS SINOS 33
19. BREVIDADE DA VIDA 34
20. JUVENTUSE PASSAGEIRA 35
21. EMBRIAGUEZ POÉTICA 36
22. PROFUSÃO 38
23. ADVERBIALMENTE 39
24. ENTRE O CÉU E O MAR 40
25. SUBSTANTIVAMENTE AMOR 41

SEGUNDO VOO POÉTICO: *Reflexões*

26. PROCESSO CRIATIVO 43
27. AGENTES INTRANSIGENTES 44

28. POSSIBILIDADES SEM FIM 45
29. OUTRA POESIA 46
30. TRANSIÇÃO 47
31. SERES HUMANOS 48
32. SERES PESSOAIS 49
33. A CONQUISTA 50
34. TENTATIVA FRUSTRADA 51
35. ELIDIR 52
36. VERSOS VAZIOS 54
37. NESSE INSTANTE 55
38. VERSOS DE PEDRA 56
39. CORAÇÃO DE PEDRA 57
40. PEDRA AO NASCER 58
41. ESTÁTUA DE PEDRA 59
42. ESCRITOS DE PEDRA I 60
43. ESCRITOS DE PEDRA II 61
44. ESCRITOS DE PEDRA III 62
45. TU ÉS PEDRA 63
46. PEDRA BRUTA 64
47. ESSÊNCIA DE PEDRA 65
48. AINDA SOBRE PEDRAS 66
49. ESTILHAÇOS PELO CHÃO 68

TERCEIRO VOO POÉTICO: *Versos suspensos na aurora do tempo*

50. POESIA 70
51. AVES MIRAGENS 72
52. CÉUS ILUMINAR 73
53. FLOR EM CONSTRUÇÃO 74
54. LEVITANDO EM POESIA 75
55. SÓ UM INSTANTE... 76
56. INEXPRESSÃO 77
57. PALAVRAS NO AR 78
58. NOITE REVELAR 79
59. PERFUME QUE INVADE 80
60. LUZ DO PENSAMENTO 81
61. LUZES E SONS 82

62. VESTIDO DE POESIA 83
63. ESTADO DE POESIA 84
64. ENTRE CÉUS E POESIA 85
65. PAISAGENS DE OUTONO 86
66. HÍFEN DE ANIL 87
67. O OUTONO EM TEUS BRAÇOS... 88
68. ESTASIADO 91
69. SUBLIMAÇÃO 92
70. CURVIANA 94
71. CHUVA POÉTICA EM SÃO PAULO 95
72. SONO REPOUSAR 96
73. TEMPO REVELAR 97
74. DANÇANDO EM VERSOS 98
75. PÁSSARO CELESTE 99
76. SUSPENSO MAR 100
77. EM VERSOS TE ABRIGO... 101
78. SAUDADE 102

Apresentação

Em 2004, quando comecei a escrever os meus primeiros poemas, não imaginava poder desfrutar do prazer que é poder escrever um livro, principalmente um livro de poesia. Daquela época para cá, muitos versos foram aos poucos sendo tecidos sob o clamor inspirador da aurora e sob a luz do infinito horizonte poético da vida, construídos suavemente em belas noites e manhãs de profunda inspiração.

A poesia que inicialmente apresento ao leitor por muitas vezes, durante essa jornada, me fez recordar de minha infância. As influências do poeta Manuel Bandeira, em sua “noite de São João”, nos versos de *Profundamente*, talvez tenham me impulsionado fortemente na direção do desejo constante desse voo e vontade de voltar às minhas lembranças dos tempos de criança.

Lembro-me muito bem que, desde os anos de escola, os meus primeiros contatos com a poesia tiveram o importante incentivo de minha mãe, que à época, quando podia, sempre me ajudava a compor algumas rimas para as atividades solicitadas pela professora. Aliás, foi a professora Vera Lúcia Fontes, de Língua Portuguesa, da Escola Estadual Dr. Antônio Braz Gambarini, quem foi decisiva nesse meu ponta pé inicial, me proporcionando o privilégio de poder participar pela primeira vez de um caderninho de poesia com as *Recordações de Minha 5ª série*, junto com os meus demais colegas de sala, isso no ano de 1995. Guardo até hoje com carinho esta recordação, inspirada nos saudosos versos de Camisiro de Abreu, em sua saudade da pátria e da infância: “*Oh! Que sandades que tenbo / da aurora da minha vida, / da minha infância querida / que os anos não trazem mais!*”.

Em minha juventude, por volta dos meus vinte anos, quando eu já estava cursando a faculdade de Letras, fui influenciado não apenas pela poesia de Manuel Bandeira, mas principalmente pela obra de grandes escritores mineiros como Carlos Drummond de

Andrade e João Guimarães Rosa. Tenho desde sempre em minha família um orgulho imenso pela prosa e poética mineira, especialmente por minha família, por parte de pai e de mãe, ter suas raízes tão profundas e bastante arraigadas nas belas paisagens de Minas de Gerais, em que o *Trem de Ferro* de Bandeira e o seu “café com pão” deixaram os mais belos versos registrados em sua literatura e história.

Ainda nesta mesma fase, meus versos tiveram um encontro com a poesia simbolista, representada pela figura do poeta francês Charles Baudelaire. Além disso, grandes colegas de faculdade como Douglas Valeriano Pompeu e o hoje poeta e artista plástico Valfrido Rodrigues Júnior também tiveram importante influência nesta minha fase, além de Camille Simeone, uma escritora e amiga que, recentemente, me incentivou bastante na continuidade de meus trabalhos poéticos.

Percorrendo estas trilhas, a apreensão do pensamento abstrato em lances poéticos esteve presente e permanece até hoje em minha poesia, na qual deixo também revelar o gosto pelo concretismo e pelo experimentalismo poético da literatura modernista e pós-modernista brasileira, através de poetas como Arnaldo Antunes, J. F. Gullar, Paulo Leminski, Marina Colasanti, Roseana Murray, Flora Figueiredo e Luciana V. P. Mendonça.

Em cada verso desta minha obra, há um toque de reflexão, de lúdico, de inovador e de profundo no aspecto da experiência com a linguagem e com o fazer poético, de modo abstrato e ao mesmo tempo concreto. Espero que minha poesia, ainda em construção, possa proporcionar ao leitor um agradável momento de leitura. Assim, desejo a você um excelente voo sob à vista desse imenso mar de sentidos, entre céus e poesia.

O autor

PRIMEIRO VOO POÉTICO

Descoberta da Poesia

Neste primeiro capítulo, encontram-se os meus primeiros poemas de 2004, que são revelados no contexto de minha descoberta desse fazer poético. Em alguns momentos, meus versos se deparam com o lúdico, outras vezes com o poder de criação através das palavras – e nesse encontro há o inesperado, a vontade de estabelecer contato com esta força criadora que se materializa através da linguagem.

Longe de ter alguma consciência ainda nessa época de que é por meio da linguagem e é através da linguagem que o homem se constitui, eu (junto destes meus poemas) arriscamos um primeiro voo. Nota-se claramente o meu esforço na tentativa de expressar esta ou aquela ideia, sob os mais variados ângulos. Nesse sentido, revela-se o engatinhar antecedendo os primeiros passos rumo à poesia. E nesse primeiro momento, se dá o encontro com o inesperado, seja na manifestação de um terceiro, quarto ou quinto elemento de uma trama narrativa, seja através do confronto com o oposto, ou mesmo na reflexão acerca da luz do descanso celeste ou na vivência de um simples caminhar solitário pelo parque, em busca do descanso e do ar puro da poesia.

Durante essa caminhada, ecoaram em mim versos como os de Fernando Pessoa, em que o poeta é talvez um fingidor. Nesse instante, me inspirei para “adverbialmente” refletir sobre a língua e recriar o que a mente sente.

É nesse contexto que vou tecendo pouco a pouco esta dinâmica de minha vida literária, entre um passo e outro, na tentativa de exprimir o real e imprimir através da palavra os registros das experiências e sensações vividas.

QUANDO TE ENCONTREI

Estavas perdido por aí
[na vida

Entrei por uma porta; por outra:
[não te avistei

Saí daqui,
[entrei

de lá; estive aqui e acolá;
ninguém te viu
[continuei

Curioso e sabido, matreiro e destemido
então
[sussurrei

Por onde andas, José?

Foi aí que procurando entre algo parecido
com o presente e o passado e o futuro também
Foi aí que se deu a luz
e – enfim – eu
[te encontrei!

No pensamento vago
de uma eterna utopia

DESCOMPASSO

Os homens andam > > > > > > as mulheres
andam

Os meninos andam > > > > > > as meninas
também

Uma janela aberta anda
a espiar tudo o que
passa

Enquanto as jovens
andam as sirigaitas
Os jovens andam as sirigaitas
passam fazendo charme
Os senhores disfarçam tudo que se
e fingindo que não veem
passa e não deixam
na rua onde todos andam
cair um vintém

onde só o cachorro
é aquele que late

chamando-a

atenção de alguém

desafinando
o ritmo, descompassado
dos moradores (tantos)
desse constante
Jd. Vai-e-Vem

TERCEIRO ELEMENTO

Ele pegou
Pensou
Ele Tornou
Gostou

Logo
o fez todos os dias:
passou
e segurou
passou
e mentalizou
passou
e voltou
passou
e

[amaram]

Ele não entendeu.
Então continuou...

Ele leu.
Releu.
Ele bebeu.
Esclareceu!

Logo
o fez todos os meses:
passou
e leu

passou
e releu
passou
e bebeu
passou
e

[clarearam]

Ele, só agora, (percebeu)

Então tomou gosto pela coisa!

Abril
Ele dormiu
Sacudiu
Ele partiu

Remexeram o pobre coitado...
O médico contou até três:
Ele
não (respondeu).

Foi daí que se constatou

o [envenenaram]

SEDE SOLÚVEL, DESEJO SOLUCIONÁVEL

Uma pitada de açúcar
Gelo.
Água
Corante e colorido
Sabor
Ingrediente
textura
e limão exprimido

Pitada de novo
Água de novo
Mistura de novo
Novo suco obtido

Agora um copo, um novo objeto
um só movimento
só uma
[colher

Um olhar com os olhos, distraídos que molham
as pernas
de louça, da bela da linda
daquela
[mulher

A passar um calor,
uma flor,
de esplendor
Mãos e pele a transpirar

Uma imagem que é sede
Uma vontade se rende
ao querer saciar

ANTÔNIMOS

Se ascender uma luz, apague
Se desenxaguar, enxágue
Se abrir uma porta, feche
Se endurecer, mexe
Se aparecer, rejeite
Se desajeitar, reajeite
Se desembrulhar, reembrulhe
Se desarrumar, rearrume
Se sujar, limpe
Se ligar, desligue
Se desfizer, refaça
Se não souber, disfarça
Se tomar emprestado, devolva
Se embananar, resolva
Se trocar, destroque
Se tirar do lugar, recoloque
Se quebrar, conserte
Se errar, acerte
Se não souber, pense
Se dispensar, repense
Se se esquecer, lembre...

de tudo o que se disse

NAUFRÁGIO

Amor cantar
o querer brincar
sentir fazer
o mundo girar

eu bem pequeno
ouvir soar
um canto ameno – e
de ninar

e quando grande
eu desfazer
e reviver
dançar-dançar

ciranda é bela – e
eu vejo nela
e
eu faço dela
você gostar

amor-amor
amar-amar
eu canto e danço
nesse des-
canso
é feito tango, um pouco um tanto
afogo e bebo
omar-omar

ATENÇÃO (Achtung, Baby!)

"A grande ação
de não fazer nada"
dizia o letreiro

“fazer nada ou
não fazer nada”
refletia o jornaleiro

Preste atenção!
advertia o vendedor de observação

Ou fazer nada ou não fazer nada!
Ou fazer nada ou não fazer nada!
Ou fazer nada ou não fazer nada!

"O português são dois;
o outro, um mistério"

Preste atenção!
já diria o mestre Carlos

Drummond de Andrade
Preste atenção!
Preste atenção!

Achtung, baby!
Diria o alemão

Achtung, baby...

Achtung, baby...

PRIMEIROS SINAIS

Vi
uma luz
no princípio

vi-me nascer
vi-me sair
para a vida e para o viver

vi-me saindo
inteiramente por completo
vi-me renascer
e entrando ao mesmo tempo
numa nova dimensão

vi-me

EM SEGUNDOS...

Quebro o vento com suas asas
Corto o infinito na escuridão

A imagem que passa
O horizonte que a leva

A vida que me detém
E me tem sem razão

As luzes não se apagam
As cordas se resvalam
e produzem os hinos
em cada nota, em cada tom
em noites de festa
e réveillon

Entrega, se entrega
à minha voz no clarão
Te chama, te clama
te incendeia uma sensação

E te quer, se tiver
um gota sequer de paixão

Se em min'alma tocar
cada ponta de tuas asas
com sentir
e com o passar
na suavidade de tuas mãos

um segundo dividido
em quatro partes
de uma bela e tão rápida
fração

FASE ADULTA

Acho que amadureci

100mg

RUPTURA

Sonhava, falava
Via o horizonte de um outro ângulo

Pensava, indagava
Era vertical sua sensação;
Seu pensamento, em vértice
No melhor estilo “upside down”

Daí: falava, falava, falava
e falava
Porque pensava

Ah...

Mas quando pouco era o tempo;
e curto, o espaço

às vezes sentia,
a dor inesperada
a partida que não se queria

Partir

De uma só gota de água

que caía

de seu olhar...

INTROSPECTO VIL

Quem não tem

tem

o vazio guardado

quem?

Traz o silêncio
resignado

também

estreita-se no vácuo

atém-
se no espaço perdurado,
imortal não revelado

aquém?

Devemos mostrar o sentimento inóspito e brio de um coração
singelo,
solitário e em mansidão?

Emoção:
destarte, inexistente em mar-
-te faço arte até
amar-te

DESCIDA AO PARAÍSO

A via
A láctea
A magia
A galáxia
As estrelas
Os cometas
E os sóis
da alegria

A Terra
e os homens
Os ares das vidas
Inquietas
cabeças
poluídas

Os mares
e os peixes
As águas
aquáticas

Adentro e afundo
Do oceano
perdidas

Abaixo e descendo
Saindo de dentro
Do fundo: silêncio
Mistério
e segredo
Do fundo da alma:
suspiros dos anjos
e sinais de
vida

DESCANSO CELESTE

Pai do céu cantou o mundo
em seis dias de trabalho

– Só seis dias? Será?, indaga o Dr. J. Fará

Sim. Seis dias, confirma o Prof. Malaquias

Quem diria!? Quem diria!?

exclama Dona Maria

desses dias adiante
por todos esses séculos

e anos

reflete o vendedor de abanos

que atravessa a esquina do Jd. Pilar

Pai do céu deixou de tudo: terra, céu

e mar

para poder, enfim, descansar

tornando a nós, desta vez, lembram os outros,

os operários

cá embaixo

[a trabalhar

DESCANSO NA FAZENDA

Trabalheira de dia
a mamãe
na cozinha
e as crianças de tarde nadando
[brincando, pulando,
espertos
saltando
e
saçaricando]

no final
todos
leve

respiram...

TEMPOS, PASSADOS

Das saudades das memórias perdidas
Os suspiros de outrora lembravam
Bem guardadas cá de dentro carregavam
Saudações, festejações e despedidas

Quão tão grandes, quão lembranças se passavam
Noites tantas, tantos dias destemidos
Quão tão belos perduraram guarnecidos
Permanências tão ficantes retornavam

Das lembranças, óh amores contemplados!
Que da triste esperança bem nascidos
Dos eternos e anseios esperados

E dos tempos que se foram esquecidos
Um silêncio nos teus pensamentos vagos
Dois pretéritos passados despedidos

O PARQUE

Lembro como fosse hoje:

Dos passeios de Domingo
Tempos livres de semana
Tinha bingo, brincadeiras
Muita gente bem bacana

Só crianças e amigos
Amigos e seus irmãos
Pula-corda, corre-corre
Corrida, roda-pião,
Pega-pega, escorrega
Escorrega e cai no chão

E do parque bem florido
Só havia esperança
Era tudo tão bonito
Nos meus tempos de criança

Hoje que o tempo passou
Menino agora cresceu
O parque nada mudou
Mas ele se envelheceu

Agora: só relembrando
Tempo que nunca esqueceu
Tempo bonito se passou
Ele, menino, sozinho ficou
E o pai que há tempos morreu

Há instantes eu lembrava
Ao parque quem me levava

Papai José Prometeu
E sozinho hoje eu canto:
"Quem ao parque me leva sou eu"

OS SINOS

Blem-blom!

Batem os sinos

não os pequeninos

não aqueles

os de Belém.

Há tempos

nasceu o grande

Menino

e alguns tantos

[sem ninguém.

Alguns herdeiros;

outros, cordeiros

dos templos de Jerusalém

e a Deus feito pequenino celebramos:

– Santo!

Nestes sinos natalinos –

Amém!

pois os sinos que às vezes tocam

as alegrias e os prantos

na vida nem sempre

trazem boas-novas.

Revelam apenas

estes sinais dos tempos

que vão

e que vêm

BREVIDADE DA VIDA

A vida é leve
a vida passa
e não dura mais que
um breve
viver

JUVENTUDE PASSAGEIRA

Andavam em grupos
os jovens
afins

de música, de dança,
de estilos afins

conversas e trocas
e ideias enfim

Até que um dia foram todos
embora
trabalhar:

filho(s) pra cuidar
roupas pra lavar
contas a pagar

em pequenas casas de aluguel
redescobriam
um novo morar

Os jovens maridos
de sua esposas

tão jovens e afins

cada qual agora
assim
em seu
lugar

EMBRIAGUEZ POÉTICA

Vaga-lumes desvairados por toda parte
A escuridão sombria sem luz

M
o
tricidade

A vaguidão
A perdição
A ab-
-sor-
-ção como uma ideia

f
i
x
a

Um conjunto de funções nervosas e desorientadas

Perda
de
sensibilidade

Vinhos desenclausurados em taças de cristal
[chama]
[êxtase]

Versos e ninfas
dançando fora de si
A atmosfera poética
O encanto

i
n
s
p
i
r
a
d
o
r

A ausência de certas experiências e prazeres
já vividos
A manifestação antialérgica do [antídoto]

Um poder

e
n
t
o
r
p
e
c
e
d
o
r

PROFUSÃO

Esparsos. Espaços. Amontoados sobre o chão.
Sujos. Amarrotados. Espalhados. Grãos.
Esguia. A imagem poluía. Fazia. Poluição.
Abundante. Inexuberante.
Acumulante. Porção.
Acumulados, estagnados.
Concentrados. Sem profundidade.
Sem profundezas. Sem direção.
Em grande quantidade.
Toda matalotagem.
Esvazia. Os vãos.
Profusos. Difusos.
Confusos. São.

ADVERBIALMENTE

Poeta-
mente
o poeta mente
poeticamente
prática
a prática
poética
prática-
mente

[e sua mente
infinita
e inacessível
mente

mente quase
completa-
mente

entre versos
natural-
mente

toda mente poética
mente?

ENTRE O CÉU E O MAR

Sob o manto límpido e suave
azul que cobre a Terra
este olhar

Que paira sobre as aves
que voam os céus
e se deixam guiar...

pela imaginação dos homens
que caminham os caminhos
e ocultam temerosos
o doer ardor
da dor
a queimar

Nesse esplendor
interino

Que se dissolve cristalino
no mundo subaquático daqueles
que mergulham como peixes
e nadam como feixes
de luz
entre as águas

mergulhados
e molhados
pelo sentimento daqueles
que penetram afundo
no mar do amor
neste mar do

amar

SUBSTANTIVAMENTE AMOR

Sensação
tenta
-ação
do coração

O amor

Não ardor!
Nem a dor!
Nem pr'arder

...quando há paixão

e acende forte
um holofote
uma canção

e só se sente
quando ausente
há razão

SEGUNDO VOO POÉTICO

Reflexões

Nos aspectos e momentos mais simples da vida, a mente humana, muitas vezes, se depara com situações em que é preciso fazer uma parada para refletir sobre os acontecimentos e sobre a própria razão da existência. Outras vezes, essa reflexão ocorre de forma inesperada, no limite entre o fazer e o questionar o fazer. Assim, surge o primeiro poema dessa fase, intitulado *Processo Criativo*, em que os seus versos buscam rever a arte e a criação de forma mais profunda. Afinal, o que é mais importante? A inspiração? A transpiração? O talento? A vontade?

Quando o artista, o poeta, o escritor, o escultor, o pintor se debruça em sua obra de arte, sua composição poética, o que é mais importante nesse momento? A inspiração, o talento, a dedicação ou a vontade? Assistindo a uma aula de Teoria da Literatura, o poeta decide então se posicionar acerca da questão e constrói estes versos. Longe de trazer uma resposta definitiva ao tema, o que os versos desejam revelar é que por trás de toda obra há uma gota, uma esplendorosa e imensa gota de vontade, força que impulsiona toda e qualquer criação. Ainda assim, os mesmos versos se deparam com as asas dessa criação, que podem levar sempre além do que as vistas e os olhos são capazes de alcançar, ou o que o coração talvez ainda não esteja preparado para sentir.

É nesse sentido que o convite destes próximos versos ao leitor é um convite à reflexão e à contemplação do que se constrói além de céus e mares. A poesia repousa neste chão imenso de memórias, de vontades e de querer. Encontra na planície e da superfície intacta algumas pedras no caminho, no entanto, elas se fazem ponto de referência entre o viver e o existir.

PROCESSO CRIATIVO

Onde há inspiração?
Se o processo e a feitura
requerem um mais
de desejo em realização
Onde há transpiração?
Se o poema
do inverso
se a rima
do verso
se a anedota
do conto
se a moral
da estória
se o romance
da vida
se a poesia
do mestre
estala e replica
rebate e implica
que o dito e não dito
são feitos de tudo
e de menos que isso
Onde há criatividade?
Se em tudo que é nisso
de inspira e transpira
não houver uma gota
sequer de vontade

Amor, floribela é tu'alma,
inóspito teu coração
mas cheio de verdade
Doce, revela-te:

crepúscula fatalidade

AGENTES INTRANSIGENTES

Uns hesitam;
outros, não vacilam.
Os primeiros
disfarçam;
os segundos,
passam...
e enquanto
uns temem
as ambiguidades do dizer,
os outros
nem se importam
pelo passar do desperceber

Fazem logo, como se costuma fazer,
e dizem:
– A gente viu.

Por terem medo,
ao contrário dos outros,
de discorrer:

Por acharem, vai lá saber,
que o verbo vir
pode se confundir
com o verbo ver

Enquanto ainda,
do outro lado,
os agentes do saber
trazem a todos um novo dizer:

– A gente não viu. Agente vê.
Toda essa intransigência
difícil de compreender

POSSIBILIDADES SEM FIM

A verdade pode
e ela é
A mentira também pode
e ela também é
Assim como a realidade
a razão
e a felicidade

Tudo pode
e tudo também é

E o poeta, que tira ouro
da ponta de suas idéias,
vê que também sua poesia pode
e ela é
E o confeitoiro, que tira
de seu confeito o sabor do novo pão,
vê que sua obra também pode
e ela é
E o escritor que
vê na sua obra tudo o que ela pode
e faz dela o que se pensa
E só ele sabe o que ela é

E se tudo pode? Não é?
E se tudo der?
Não seria o impossível
possível?
Se possibilidades mil
o que se pode requer

OUTRA POESIA

E o poeta exclamou:

- Não se faz poesia, é claro, somente com lápis e papel...
Faz-se poesia, sim, com a cabeça...
e, às vezes, com os lábios e a doçura da pele...

E prosseguiu:

- Eu, por exemplo, todas as vezes em que beijo a alma
de minha amada
faço dela poesia...

a mais perfeita e bela poesia do amar

TRANSIÇÃO

O poeta
atravessa
a esquina

sente que
pode
a qualquer
momento
morrer

as luzes
se apagam
as vozes
se calam

o que
fazer

SERES HUMANOS

Para eles
serem, humanos,
Para tu
seres, humano,
ou para ela
ser humana,
almas desvalidas,
ou para vós
serdes, almas
desconhecidas,

De minha autônoma virtude
e minha interina separação
meu verso rompeu-se, me desamarrou]
Para nós, desumanos
não sermos]
Bastam-me as vezes que já o sou]

SERES PESSOAIS

Para que eu seja
é preciso ser
Para que tu sejas
é preciso ser
Para que sejais
é preciso ser
Para que sejamos
também é preciso ser
Ser () eu
Ser (es) tu
Ser (des) vós
Ser (mos) nós
Feitos de infinito,
inacabados, mal tolhidos, revelados
Porque para todo humano, imortal inacessível
Há sempre um ser (estranho!)
Pequeno, admirável, radical e flexível

A CONQUISTA

Um contista, certa vez, disse aos seus:

- Estou tentando ganhar a vida fazendo contos...

E esses lhe recomendaram:

- Meu caro, meu caro, não se ganha a vida apenas fazendo contos, mas também fazendo poesia...

cartas e declarações de amor (...)

TENTATIVA FRUSTRADA

Palavras: doces, belas, rebuscadas, eruditas
e refinadas

Palavras:
nunca botam aquele nosso sentimento no papel
nem traduzem

Sentimentos são sentimentos;
palavras, palavras...
que vedam, selam, disfarçam
em gradação ascendente o pêndulo do movimento
– de um nobre
Inatingível, intraduzível
sentimento]

Vedam, selam, disfarçam
sem sequer tocar
– ao longe de poder se assemelhar
ou igualar-se
ao inquietante pressenti-
mento]

De um momento
único...
De um lugar onde
não há tempo.
Em um espaço onde
pode não se sentir o chão

Nem o pisar,
nem o fingir
do poetizar: verbo intransitivo, e indiretamente
aparentemente
fácil de pronunciar

ELIDIR

Livro, opera-te aberto perante o meu olhar
separa-te obra
do teu autor

Desabrocha os sentidos
do meu pensar
Revela-te oculto
no poder da dor

A separação inevitável entre o ver
e o saber

pensar contigo e fazer nascer

Descarrilha as palavras
dos teus trilhos de chão
quão ignóbil clamor
que se faz
em

vão]

Não penetres surdamente no reino das palavras...

Antes:

dá-lhes ouvidos
e procura-te sabiamente no íntimo
aproximar
-te da palavra,
do admirável signo]
rompendo-lhe
astuto
o profundo silêncio

O reino das palavras
não é feito
concreto]

nem de pedras que se põem a perder no clarão

Das razões tão nobres
de tua frágil alma

Separa-te
daquilo que é [solidão

VERSOS NO VAZIO

Os versos
e o nada
no vazio
da alma

NESSE INSTANTE

Como pode a cabeça doer
nesse
instante
de eu tanto
fazer

verso
prosa
rima e
canção

Melhor agora
a cabeça sofrer
que flagelos
de amor infinito

[sentir...

este
nobre
e pobre
coração

VERSOS DE PEDRA

O que deveria ter sido?
e não foi

E o que poderia ter visto?
não existiu

Naquilo que as vagas lembranças
de teus versos de pedra
a dor
te sustenta

O coração não suporta!

CORAÇÃO DE PEDRA

Eu não sei
o que ela
tem nas mãos

[pedras]

que vai atirando em mim

PEDRA AO NASCER

Não só pelo caminho
encontrastes pedra
Pedra já se tornara
antes mesmo do céu nascer

Petrificara sua essência
antes mesmo de viver
este verso
em
pedra

ESTÁTUA DE PEDRA

Não se punha a mover
nem mesmo
abria passagem
Não saía do lugar
nem se deixava passar
nessa pétrea
viagem

Era dura como uma rocha
estancada no caminho

ESCRITOS DE PEDRA I

Mal retirastes as cortinas de meus versos,
e tornastes os meus versos
pedra

Não desvendastes, não descobristes
sentido algum em minha poesia

Apenas a pedra
dura de tua escultura
sob a qual
pusestes a escrever

ESCRITOS DE PEDRA II

Teus escritos não eram apenas retalhos
mal pintados de fumaça em cinzas
Eram pedras amontoadas
em paisagem
fúnebre

Convidastes o leitor a entrar...
Mas por que motivos
não se podia compreender?
Teus escritos, afinal, eram de pedra.

Pareciam preciosas pedras,
mas o possível milagre...
Este estava muito longe disso
escondido
entre
pedras

Que tu guardavas
em ti

ESCRITOS DE PEDRA III

Era ainda possível notar algo
em tua essência de pedra
Mas das esfumaçadas nuances
petrificaram-se os sentidos
que ali jaziam

Era a lápide de pedra
em teus versos
de pedra

Não trazias contigo gota alguma
de vida

Apenas o olhar atônito do leitor
diante das pedras
que eram os teus versos

TU ÉS PEDRA

Tu não sentes nada
além da superfície intacta
Não te arrependes
Não sublimas
Não perdoas

Não respiras nem suspiras poesia
tão pedra que és
tu te escondes
quieta
no íntimo finito

Tu és pedra
não Pedro

PEDRA BRUTA

Tu carregavas nas mãos
o livro sagrado

Ousavas bater na palavra divina
com teus punhos cerrados
pulsando de ti como gritos de pedra

Não pregavas,
arremessavas as pedras
de teu coração...
tuas mágoas, tuas dores
teus resquícius
de pedra
descontavas na palavra

Mal soubestes o pecado que cometera
diante dos que de ti
corriam nas ruas públicas
temendo tuas pedras

Tu lançastes tudo menos a vida
sobre este livro sagrado.
Não fostes capaz de extrair sequer de tuas pedras
água e vinho
ou esperança

Pedra tu eras:
pura, bruta.

Antes fosses forte como Pedro!
Mas tu! Tu eras pedra:
aquela pedra, esquecida
debaixo do mar
que não gritava nem se descobria sob as águas

ESSÊNCIA DE PEDRA

Quando de ti o leitor espera
o sentido transformador

logo lembra que tu és pedra
tua essência não exala
Tu não suspiras,
não fazes versos,
não transbordas de lirismo algum

Tua essência é pedra
dura
rocha

indecifrável pedra

AINDA SOBRE PEDRAS

É preciso diante de pedras
compreender a razão
de teu existir

Ainda que te decomponhas
ou te tornes pó diante da vida

Ou mesmo diante do homem
que a martele

Pedra bruta
é tua
poesia

Agora refletos os teus versos
de pétreos fragmentos
que a tua leitura um dia
transformou

Desacortinastes os meus carros em teu horizonte
e o lançastes na solidão fria,
na estrada fria,
daquele horizonte

Derramastes em ácidos minhas gotas
tão poéticas
e transformastes gotas
em pedras

e no tapete viscoso fizestes
de minha poesia
tardes indecifráveis
em céus monocromáticos
em princípio e fim
em abrasiva textura
em mares que vertem
dos teus finitos olhos
de pedra
escavações profundas
[petrificadas]

Nos aquíferos de tua alma
de indiferença
e pedra,
transformastes minha tarde tão aurora
em tardes omissas
em tardes tão impessoais

diante dos teus olhos
de pedra

ESTILHAÇOS PELO CHÃO

Cacos de vidro
nas vidraças do teu coração
Tu feres e desferes

estilhaços espalhados

pelo chão

TERCEIRO VOO POÉTICO

Versos suspensos na aurora do tempo

Entre um verso e outro desta obra, muitos poemas são construídos em pedras brutas encontradas pelo caminho, outras vezes, de forma tão suave e leve expressam a vontade do poeta de alçar novos voos. Assim, entre a Luz do Pensamento e um Hífen de Anil, a poesia encontra o fôlego necessário para permanecer suspensa, livre e solta no ar. A graça desse voo poético reside justamente em poder se fazer entre noites de sonhos, entre a lembrança e o repouso, e no horizonte voar.

No ar se depara consigo mesma em *Estado de Poesia* e se manifesta *Dançando em Versos*. Por esse passeio aéreo, o leitor é capaz de avistar *Aves Miragens*, uma *Chuva Poética* de uma cidade e *Palavras no Ar*, entre outros saltos de sentido.

O mundo e a poesia neste pequeno e ao mesmo tempo imenso imaginário se entrelaçam de forma inesquecível. O poeta se vislumbra com experiências nunca antes vividas e se redescobre através do céu das palavras e da mente. Assim, convida o leitor a voar com ele em plena criação.

Os cenários retratados por estes próximos versos se desenrolam assim como em flashes e lampejos de lucidez. Em mistério, se encontram no mais íntimo dos pensamentos e das ideias que a linguagem permite criar. Entre nuvens, as imagens poéticas vão pouco a pouco se tornando nítidas e podem se revelar através de uma simples folha de outono que cai e traz consigo as lembranças estampadas em folhas tão calmas e sutis da memória. Ou ainda: se esvaem no encontro com céus e luzes tão claras que em versos se afagam e formam versos retratos de voos tão majestosos, tão suspensos no ar...

POESIA

As vozes dos poetas
ecoam em meus
pensamentos
e abrangem
levemente
todo o meu
ser

tangenciam
minha alma,
na esperança da calma

Os clarões dos poetas
inundam meus
versos

e vagam
à Lua
nas ruas
serenas
de minha

p
o
e
s
i
a

Outrora Drummond...
Onde estás, óh poeta?
Os meus versos
te ouvem

Os teus versos ressoam
no infinito universo
desprendidos na aurora

E agora, Drummond?
Encontrastes Bandeira,
na saudosa
poesia
gravada no tempo
do meu coração?

Segui
teus conselhos
Trilhei
os caminhos...

De tua...
poesia
pairando
no

a
r

Fazendeiro do ar
tu viestes
colher

o que mesmo
plantastes

Eu entrego em
tuas mãos

O meu cálice
o teu
vinho

AVES MIRAGENS

Sãos as aves
miragens
que voam o verão

Trazem versos
comigo
no meu coração

voos
pássaros
ventos
se vão

CÉUS ILUMINAR

Há
vida
nas
cores

e no seu brilho
à alma
iluminar

(e)leva AoMAR no AR
em céus
os seu
amores

Viver
Sublime
Fascinar

Renasce
um verso nobre
e angélico
de ti
frescores

do encontro
leve
a m(elevar)

FLOR EM CONSTRUÇÃO

Ela é feito
pétala
em perfume
de lótus

O seu exalar
intrínseco
feito flores da alegria

LEVITANDO EM POESIA

Amor no ar
brilhar vibrando
em leves plumas
levitando
o teu mirar suave
encanto

SÓ UM INSTANTE...

Hoje ela me traz
o seu amor

Amanhã ela me refaz

Água,
por favor...

INEXPRESSÃO

Amar
e não expres-
sar

Querer
e não vo-
ar

PALAVRAS NO AR

Quando os céus nos revelam
palavras
que
voam

levam leves sentidos
que pairam
no ar
sob o mar
sob a proa

e nas entrelinhas do que não foi dito
o impensável

Nos eternos pensamentos
da vida
aquilo
que em mistérios
vagos

ecoa

NOITE REVELAR

Nas cinzas
do tempo
à noite
e às estrelas

a Lua
e o céu
neste véu a cobrir

Neste azul tão profundo:
escarlata alquimia
cintilou
revelando

esta bela poesia

PERFUME QUE INVADE

Nas soturnas imagens
de um retrato
em paisagem

Sinto o perfume constante
em 'deja vu'

LUZ DO PENSAMENTO

Caminho pelos corredores
de ventos
estreitos dos céus

Sinto os versos
invadirem implacavelmente o meu peito:

sopro de luz
que eleva e ascende ao pensamento

uma gota
de paz

LUZES E SONS

Em cada verso dos poemas
que escrevo
sinto sua voz
suave
me invadir

como plumas
tocando o estado inerte
de minha límpida alma

que uma vez em movimento
caminha comigo
entre luzes e sons

VESTIDO DE POESIA

E no vento
tu quisestes
linda roupa, lindas vestes
vento brisa
vento vestes
te revestes
de alegria

Vou banhar-me
na aldravia
do teu mar
e em teus versos
vou vestir-me
de poesia

ESTADO DE POESIA

No céus os meus versos
perenes
repousam

Ei-los pela manhã
em sublime descanso

Descubro os meus versos
em estado de poesia

ENTRE CÉUS E POESIA

Quebra da linearidade
versos soltos
versos livres
versos leves da saudade

à vontade
pra dizer

entre céus e poesia

PAISAGENS DE OUTONO

Quilômetros de outono
em miragem
Paisagem sutil
da estação
Poesia
em sublime viagem
Versos
de pura
metragem

inspir(ação)

Sentidos
que invadem
distâncias
centenas
de eterna

paixão

HÍFEN DE ANIL

Teu iate de marfim
entre versos
destas horas

entrelinhas de cetim
em hiatos
foi se embora

Separa
a distância
na curva do tempo
no azul da outrora
este hífen de anil

O OUTONO EM TEUS BRAÇOS...

*à minha querida amiga
Camille Simeone, que tanto me inspira
em seus outonos versos*

Sopros de vento ressoam em meu rosto
a face fria da estação e do outono revela.
Invade, purifica este ar que refresca
e que me faz rever tua lembrança em repouso

e as brumas... ah estas brumas repletas
vestidas de adorno
libertas em festas entre voos dispersas
suspiram desejos serenos de espera
refletem no espírito tão puro disposto

Ah (...) nestas brumas teu rosto
refresca min'alma
releio os teus versos
a paz que me acalma
os teus
gestos
sinceros
tão puros
repletos
de anil talento

Ah (...) o outono momento
repouso
e intrépido
debaixo das cobertas destes teus versos
que
me inspiram
lentamente
o suspiro encontro

A relva agora
do lado de fora entre nossos risos e suspiros
e bramidos
cai em pranto
e mais puro desgosto

e as folhas do intento quedam levemente
nesse momento
em que
as brumas
fascinantes
na resposta
sutil
aquece a emoção
e o sentimento
em delirante
inebrio
(entre)
laçamento

Meus versos estão dispostos
assim
com o tempo
e em voo vertical
caem lento alento

e as métricas rimas distantes
se desfazem
no suor da alvorada
te derramo em meus braços, te contorno entre laços
nos céus de uma esfinge
do firmamento

Tu querias as quadras e os tercetos
bem dispostos
de um soneto em novelos bem tecidos, tão poéticos
vertendo versos entre versos

ante a estes
o teu gosto
e o que eu mais quero de novo...
em sensual desvario
em gotas
se derretendo

É a tua alma incólume que se esconde em meu abrigo
sutil e lenitivo
em arte
e invento
Ah... este contento
de prosa e de estética
tu desafiarias?

O rebolar em meus braços
com volumoso beijo
vistoso e valentio
do primor que te ofereço

Assim em teu suor eu transtorno as tristezas
eu transformo em beleza
te contorno em arrepios

o contorno de tuas
pernas
entre os meus
carinhos

e te acendo esta chama
que se revela no amor
do doce esplendor
dessa nobre estação
que só tu
declamas

ESTASIADO

Encanto descubro
nas entrelinhas
nobres
ao te ler

Os teus versos leves
me deixam voando
lúcido

Em estado de poesia
e êxtase
ao querer
mais te ler

SUBLIMAÇÃO

Potencializar a mente ao poder da intenção;
“a palavra, ao estado das coisas”;
a imagem, ao espectro do olhar;
Potencializar e não deixar uma gota sequer
de amar
caír
no chão

– Gotas de amor não se podem desperdiçar!
Nem deixar serem desperdiçadas.

Amor, te amo.
Mas hoje infelizmente...
aconteceu-me um despropósito
– Não quero deixar
o meu amor jogado ao mar
Não quero te amar!
O sentimento, eu sei, é banal; o mar de rosas, confuso;
o amor, austero.

Porque se hoje sou assim
A intenção e os objetivos, digo, são sempre os mesmos:

Potencializar e dizer
o que se diz e não se quer
através deveras
do que não se quer dizer

Porque potencializar não é decerto, e sobremaneira
praticar e por em prática
a virtude e a beleza
de um forte amor exuberante

É mais que isso:
É por nesse breve instante
Uma vontade extraordinária que se instala
E bate forte na hora de amar

É potencializar o amor
ao ritmo dos batimentos cardíacos
Até que esse estado o torne possível
de não mais parar

A sublimação
é o estado
E a potência
é a força
que quer se potencializar

O amor:
apenas um detalhe, uma vírgula,
entre linhas
e caminhos
que não nos fazem cessar

É a vontade de pegar uma gota
E uni-la a outro estado,
O da potencialização da matéria

O do fazer-se sublime
e depois se evaporar

CURVIANA

Quando as almas se deslocam no vácuo.
Espaço imutável que transcende à sensação.
Gota, água, estado, matéria, união.
Algo se manifesta. Belo se torna.
O transparecer de um sentimento em sua plenitude.
Alma e espírito fundem-se em uma única existência.
Existencial.
Condensação.

Torna-se mundo o sensível;
movimento, o objeto;
dinâmica, a vida.
E o encontro da gota ao chão
– cala-se.
As almas, que são o impulso;
a gota, que é o algo – belo transformado;
a existência, que é o toque – da gota ao chão:
"Epifania. Ápice. Sagração."
Concretizado o ato, a vida toma outro rumo.
A existência do toque,
o algo em transformação,
o impulso das almas,
o inexistir da tresloucação.
Toque transforme, o impulso insipiente:
fenômeno em expansão.
As gotas oblíquas das águas olvidas.
A chuva atinge seu destino.
O ato realizado revela a mudança de estado,
a desmaterialização.

CHUVA POÉTICA EM SÃO PAULO

Os céus entre versos em águas repousam
derramam-se em *Gotas Poéticas* pelo ar

Chove torrencialmente
na grande São Paulo
cidade em que a garoa
poesia sublime
põe-se infinitamente
a espalhar

seus pingos e gotas
que ecoam
em meu íntimo

íntimo
que faz chover

o

p

o

e

t

i

z

a

r

SONO REPOUSAR

Não luto como na guerra
este corpóreo
infinito
sono

Chamo
no íntimo.
O suspiro
eu respiro.
Inspiro
três vezes
o bálsamo eflúvio
e eficaz
deste voo

Não luto
contro o sono

O sono é a paz
que liberta
e transcende
e eleva

Não luto
contra o sono
O sono é que cabe em mim
Repousa em mim

TEMPO REVELAR

Quero ver o tempo passar
E no amanhecer da meia-noite
Rever o ciclo da vida
As estrelas
De brilho cintilar [no céu –

Lentamente se despindo

Quero ver as horas
As cinzas da noite
O que há por trás dela
[mistério]

Quero descobrir
Desvendar
Revelar
cada coisa por si

em seu tempo

desatino

DANÇANDO EM VERSOS

Abraçou
entre púrpuras vestes
e se refletiu
de imensa poesia

Leve é o seu prazer
nas entrelinhas ler
aqueles mais belos versos que suave dançam
e convidam as palavras
neste sutil bailar de sentidos

como uma pena
ao vento

PÁSSARO CELESTE

Pássaro celeste
brisa quente
voar levemente
horizontes emoções

Pássaro em festa
amplia tuas visões
nestes corações
ventos
largas
janelas

o ar se manifesta
entre asas
finestras
sen-
sações

SUSPENSO MAR

Debruçou sua casa
em imenso
e alto
mar

O seu lar
na esquina suspensa
da razão

flutuar
pelo ar
revelando a sensação

no horizonte infinito
do seu coração

EM VERSOS TE ABRIGO...

O que é que eu faço
em teus
versos
sorrisos?

Se em meu poema
eu eterno
te
abrigo

SAUDADE

entre
voos
e despedidas
um coração
fica